

SENTIDO DO TRABALHO E VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO EM VENEZUELANOS QUE MIGRARAM AO BRASIL¹²

Meaning of work and experiences of pleasure and suffering in venezuelans who migrated to
Brazil

Vanessa Ruffatto Gregoviski ³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos⁴
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Marcella Mai Cervera Sei ⁵

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Aline Pereira Soares ⁶

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Janine Kieling Monteiro ⁷

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

O trabalho, fundamental àqueles que migram, é algo dotado de sentido e espaço em que emergem vivências de sofrimento e prazer capazes de promoverem a transformação dos ambientes laborais ou de colaborarem com o adoecimento. Esta pesquisa analisou as experiências laborais de migrantes venezuelanos, debatendo sobre o sentido do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento laboral. Trata-se de um estudo qualitativo, transversal e exploratório realizado com dez venezuelanos que residiam no Sul do Brasil, em que um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada foram aplicados virtualmente. Analisou-se que, para muitos, o sentido do trabalho vai muito além de questões meramente materiais, voltando-se a questões de reconhecimento social, crescimento e satisfação pessoal, além de estabilidade financeira para si e familiares. As vivências de prazer apontam a importância do suporte e das oportunidades de crescimento como alicerce de saúde, engajando-os laboral e socialmente, e mobilizando para mudanças. Já as vivências de sofrimento indicam

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

² Copyright © 2022 Gregoviski et. al. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons - Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ vane.ruffatto2@hotmail.com

⁴ Avenida Unisinos, 950. Bairro Cristo Rei. São Leopoldo/RS. CEP: 93022-750.

⁵ marcellasei@hotmail.com

⁶ alinepsoares@hotmail.com

⁷ janinekm@unisinos.br

necessidades de intervenção imprescindíveis, sendo pontuadas a dificuldade linguística e cultural, xenofobia, relacionamento com colegas, medo do desemprego, sobrecarga laboral, precarização, vivências de exploração e violência laboral. Aponta-se a necessidade de criação de Políticas Públicas de acolhimento, inserção socioprofissional e enfrentamento ao preconceito.

Palavras-Chave: Migração; Psicodinâmica do Trabalho; sentido do trabalho; vivências de prazer e sofrimento.

Abstract

Work, essential for those who migrate, is something endowed with meaning and a place where experiences of suffering and pleasure emerge, capable of promoting the transformation of work environments or of collaborating with illness. This research analyzed Venezuelan migrants' work experiences, discussing the meaning of work and the experiences of pleasure and suffering. This is a qualitative, cross-sectional and exploratory study carried out with ten venezuelans living in southern Brazil, in which a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview were applied virtually. It was analyzed that, for many, the meaning of work went far beyond merely material issues, turning to issues of social recognition, growth and personal satisfaction, as well as financial stability for themselves and their families. The experiences of pleasure point to the importance of support and opportunities for growth as a foundation for health, engaging them work and socially, and mobilizing for change. The experiences of suffering, on the other hand, clarify the need for intervention, with linguistic and cultural difficulties, xenophobia, bad relationships with colleagues, fear of unemployment, work overload, precariousness, experiences of exploitation and violence at work. It points out the need to create Public Policies for caring, socio-professional insertion and confronting prejudice.

Keywords: Migration; Psychodynamics of Work; meaning of work; experiences of pleasure and suffering.

Introdução

Inúmeras pessoas se deslocam cotidianamente por conta das crises econômicas, políticas e sociais vividas na atualidade. Neste cenário, encontram-se principalmente jovens trabalhadores que buscam melhores condições de vida e emprego. Sabe-se que a perspectiva de um futuro não promissor, assim como falta de liberdade no país de origem, somadas às reestruturações capitalistas neoliberais, são motivos que impulsionam as migrações. Há, ainda, a percepção de que as migrações em massa seguirão ocorrendo no futuro, dados os motivos impulsionadores supracitados (Carbajal & de Miguel Calvo, 2012; Bauman, 2017; Eberhardt, Schütz, Bonfatti, & Miranda, 2018).

Denota-se, por conseguinte, um aumento desenfreado no número de deslocados forçadamente quando comparado a momentos anteriores. Ao final de 2019, cerca de 79,5

milhões de pessoas haviam migrado por conta de recessões, conflitos ou perseguições, totalizando cerca de 1% da população ou uma em cada 97 pessoas. Percebe-se um aumento de quase dez milhões, quando comparado ao ano anterior (UNHCR, 2019; ACNUR, 2020; Ministério da Justiça e da Segurança Pública, 2020; UNHCR, 2020).

Os venezuelanos se tornaram a nova nacionalidade que mais solicita asilo político, bem como o segundo país que mais possui cidadãos com *status* de refugiados. Conforme dados recentes, contabilizam-se 4,5 milhões de migrantes deslocados daquela nação, dos quais 93.300 se enquadram na condição de refugiados e 794.500 como solicitantes de asilo. Logo, acredita-se que um dos motivos que ocasionou a súbita elevação no número de deslocamentos forçados no globo seja a tensão vigente na Venezuela (Ministério da Justiça e da Segurança Pública, 2020; UNHCR, 2020).

A respeito dessa nova onda migratória, situa-se que, concomitante à intensificação da crise naquela pátria, ocorreram deslocamentos, principalmente a diversas partes da América Latina e Caribe (migração Sul-Sul). Aproximadamente 53% dos venezuelanos migraram a países fronteiriços, enquanto outros buscaram nações próximas, como o Peru. Entende-se que tanto a massificação do deslocamento de venezuelanos como a situação de calamidade do país, repercutem nas nações vizinhas (Lanza et al., 2018; UNHCR, 2020).

O Brasil, conforme acordado na Declaração de Cartagena, propôs-se a acolhê-los ou repatriar os que desejassem. Criaram-se estratégias para promoção de cuidado aos venezuelanos em território brasileiro, exemplificando-se com a Operação Acolhida, incumbida pela organização dos processos de interiorização (ACNUR, 1984; Aguiar, 2018; UNHCR, 2020).

No país, houve adoção do termo “refugiado” para categorização migratória daqueles que entraram com pedido de asilo. Entende-se como parte desta categoria aqueles que deixam sua comunidade por temer perseguições diversas e sofrerem violação dos direitos humanos, necessitando de proteção internacional (Ministério da Justiça e da Segurança Pública, n.d.). Além dessa, também se adotam outras terminologias a depender de como se dá a entrada e permanência desses sujeitos no país, por exemplo, outra categoria que se fez presente nesta pesquisa foi a de imigrantes econômicos, quando há o deslocamento motivado pela busca de trabalho, ou a de imigração de fluxo misto, não se caracterizando em somente um dos itens (Ministério da Justiça, 2015). Assim sendo, a fim de organização, pontua-se que nesta pesquisa utilizar-se-á o termo “migrante”, pela variabilidade do *status* migratório autodeclarado, assim como pela compreensão de singularidade migratória no ingresso deles no Brasil.

Apesar da perceptível intensificação das migrações, ainda impera o imaginário social de um migrante advindo de países periféricos que é indesejável porque viveria às margens e custas

do Estado, uma concepção que, além de errônea, demonstra a perpetuação de discursos coloniais, burgueses e xenofóbicos. Essa imagem, aliada a uma narrativa que remete à crise migratória, exacerba, também, a securitização das fronteiras e desumanização de quem é estrangeiro. Com isto, evidencia-se a vulnerabilidade e precariedade aos quais são sujeitos (Weintraub, 2012; Bauman, 2017; Rodrigues et al., 2021).

A partir disso, reafirma-se a necessidade de elucidação sobre quais condições psicossociais se encontram, colocando-se, aqui, a questão laboral como algo primordial no debate ao influenciar aspectos da promoção de qualidade de vida, bem-estar e autonomia. Entende-se o trabalho como espaço de manifestações coletivas capazes de garantir a emancipação dos sujeitos e de seus direitos, indo contra a lógica vigente que coloca o capital acima de todos os devires. Sinaliza-se a necessidade de reflexão sobre esses aspectos, assim como o olhar de que as populações migrantes, por estarem majoritariamente expostas a vulnerabilidades, precarizações laborais e violações de direitos, precisam de um olhar apurado e que, de fato, consiga refletir acerca da consolidação de políticas emancipatórias (Bernal, 2010; Araujo & Oliveira, 2019).

Ademais, é importante ponderar que o trabalho possui cunho histórico, cultural e social, logo, perpassado pelas mudanças mundiais tais como a globalização, neoliberalismo e consequentes precarizações. Entende-se que estes fatores podem se manifestar no sujeito e ocasionar o sofrimento e/ou o adoecimento físico e mental. Há percepção de maior impacto naqueles vulneráveis psicossocialmente, como os que se deslocam forçadamente, já que sofrem consequências das citadas mudanças tanto no que desencadeia a migração (como crises ou conflitos com viés econômico), quanto em seu cotidiano posterior (a exemplo da inserção no mercado laboral da sociedade de destino). Coloca-se, ainda, que a globalização está intrinsecamente ligada ao fenômeno migratório, também por aumentar as discrepâncias sociais entre os que possuem abundantes riquezas e aqueles mais empobrecidos. Assim, pensa-se, inclusive, na vulnerabilidade de imigrantes econômicos e refugiados em um contexto laboral ao serem percebidos como possibilidade de mão de obra barata pelos interesses empresariais, perpetuando as exclusões sociais das quais se fala neste estudo (Martine, 2005; Bernal, 2010; Bauman, 2017; Castilhos & Castro, 2020).

Logo, entende-se o trabalho como um dos alicerces da saúde mental dos sujeitos, visto a importância que possui na constituição da identidade, no reconhecimento e na vinculação social. Ademais, sabe-se da importância disto nos migrantes que buscam tanto melhores condições financeiras, como a concretização de seus sonhos (Ferreira et al., 2015; Tolfo, 2015; Bernal, 2010).

Assim, o trabalho pode ser considerado uma relação social na qual subjetividade, cultura e política coexistem e possibilitam ao sujeito a transformação de si e de seu entorno. No que diz respeito à subjetividade, para a Psicodinâmica do Trabalho (PdT) – teoria que fundamenta esta pesquisa, ela se constrói a partir das relações laborais e das vivências de prazer e sofrimento que daí emergem (Dejours, 2014; Ferreira et al., 2015; Araujo & Oliveira, 2019).

Compreende-se, à vista disso, que o ato de trabalhar é dotado de sentido àqueles que o executam, sendo que a sua representação é construída a partir de percepções individuais e coletivas de acordo com o vivido. Assim sendo, o sentido do trabalho é um aspecto importante a ser analisado para melhor compreensão dos processos psíquicos que permeiam o trabalho aos sujeitos, como suas ações, pensamentos, sentimentos e outros, e a influência disso em suas vidas, em especial no tangente à sua saúde mental. Desse modo, pode-se entender que o sentido do trabalho é a significação atribuída a essas condutas e comportamentos, necessitando-se explorá-lo para melhor compreensão dos fenômenos psíquicos (Lancman & Uchida, 2003; Costa, 2013; Tolfo, 2015).

Ainda sobre os impactos de questões laborais no psiquismo dos sujeitos, assinala-se que o ato de trabalhar é perpassado pela experiência de sofrimento, entendendo-o como algo inato frente à vivência de fracasso, impreterível quando aquilo que se espera colide com a realidade encontrada. Em outros termos, a frustração em consequência do laboral se dá no confronto do prescrito (dimensão que estabelece as normas formais) com o real do trabalho (campo informal que abarca situações inesperadas que o conhecimento técnico-científico não dá conta, requerendo soluções que colocam a inteligência prática do trabalhador em ação) (Mendes & Araujo, 2012; Ferreira, 2013; Dejours, 2014; Ferreira et al., 2015; Araujo & Oliveira, 2019).

Para mais, a concepção de sujeito atrelada à Clínica do Trabalho é a do sofrimento e do prazer, ligada ao inconsciente. Por conseguinte, compreende-se que o trabalho jamais será uma experiência neutra aos sujeitos, sendo ele o que permite a transformação do sofrimento em prazer, tendo em conta tal inevitabilidade da experiência do fracasso que provoca a desconforto e que, a partir desse confronto entre o prescrito e o real do trabalho, pode mobilizar os trabalhadores em busca da satisfação, autorrealização e identidade (Mendes & Araujo, 2012; Ferreira et al., 2015).

As vivências de prazer ligam-se ao engajamento no trabalho e à mobilização subjetiva que pode ser tanto individual quanto coletiva, agindo na ressignificação das situações que provocam o sofrimento aos trabalhadores. O prazer se manifesta “por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento, da liberdade e da valorização no trabalho” (Freitas, Augusto, & Mendes, 2014, p. 39). Logo, as vivências de prazer se constituem como indicadores de saúde

ao permitirem a estruturação do sujeito, inclusive de sua identidade, e da expressão e negociação da subjetividade no trabalho (Mendes, 2007; Freitas et al., 2014; Silva, Deusdedit-Júnior & Batista, 2015).

No que diz respeito ao sofrimento, pode ser tanto criativo quanto patogênico. Os destinos do sofrimento se relacionam aos processos psicodinâmicos desenvolvidos nesse contexto. Isto posto, o sofrimento é criativo quando há criação e engenhosidade diante das situações que o provoca, assim, o trabalhador consegue encontrar soluções para dar conta das adversidades, favorecendo tanto a si próprio quanto à Organização do Trabalho. Por outro lado, quando não há a possibilidade de negociação entre os desejos pessoais com os organizacionais, presente em gestões prescritivas e coercitivas, há um impedimento da capacidade de criação, o que faz com que o trabalhador permaneça imerso na experiência de fracasso e impotência, gerando o que se considera sofrimento patogênico (Ferreira, 2013; Moraes, 2013).

Desse modo, sumariza-se que as vivências de prazer e sofrimento laboral ocorrem no processo de elaboração do sofrimento que emerge do e no trabalho. Nessa dinâmica, faz-se presente a Organização do Trabalho. Os conflitos que ocasionam as vivências de prazer e sofrimento advêm da relação que existe entre o trabalhador e a Organização do Trabalho (Ferreira, 2013; Moraes, 2013).

Sobre a Organização do Trabalho, é compreendida como aquilo que define, divide e distribui as tarefas entre os trabalhadores e as próprias pessoas em um ambiente de trabalho, estabelecendo prescrições, responsabilidades e formas de controle. Associa-se a divisão de tarefas aos sentimentos e interesses que surgem nos trabalhadores, enquanto a divisão de homens estaria atrelada às relações estabelecidas e à mobilização afetiva daí proveniente, como o engajamento, a cooperação e a solidariedade (Anjos, 2013; Facas, Mendes, Freitas, Amaral, & Duarte, 2017; Araujo & Oliveira, 2019). “Tal divisão organiza subjetivamente o indivíduo por meio das vivências de prazer e de sofrimento, e que ajuda ou atrapalha sua mobilização subjetiva, seu engajamento afetivo-emocional no compromisso com o trabalho” (Anjos, 2013, p. 271).

Assim, compreender essa dinâmica estabelecida possibilita maior elucidação sobre como se dão as relações laborais, o lugar que o trabalho ocupa na vida do sujeito, as vivências de prazer e sofrimento que emergem e as estratégias utilizadas para lidar com as angústias. Entende-se que se o trabalho é posto como constituinte, compreender esses aspectos é essencial para analisar os impactos ocasionados no cotidiano e na saúde dos sujeitos, possibilitando a criação de ferramentas eficazes para acolhimento e promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida. Dessa forma, esta pesquisa buscou compreender a percepção de venezuelanos que

migraram ao Brasil sobre o sentido do trabalho, bem como suas vivências de prazer e sofrimento frente ao trabalho.


Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal e exploratória. Desenhou-se este delineamento porque se buscou conhecer em maior profundidade um fenômeno cotidiano emergente, sendo ele a migração venezuelana no Brasil (Cresswell, 2010).

Utilizaram-se como instrumentos para coleta de dados um questionário sociodemográfico, a fins de caracterização da população, e uma entrevista semiestruturada. O questionário sociodemográfico interrogou questões de idade, gênero, cor e raça, escolaridade, constituição familiar, município e tempo de permanência no Brasil, domínio de idiomas, *status* migratório e acompanhamento em saúde mental. Já a entrevista abordou aspectos relativos às vivências laborais prévias e atuais, incluindo o sentido do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento no trabalho. O questionário e a entrevista foram aplicados a 16 venezuelanos, porém, neste manuscrito, somente serão abordadas as falas de dez deles, visto que os demais se encontravam em situação de desemprego.

Ambos os instrumentos citados foram aplicados individualmente com venezuelanos que residem na região Sul do país, selecionados por conveniência e bola de neve (Gil, 2010). O primeiro contato foi feito com participantes-chaves: dois venezuelanos, uma profissional que atuou no processo de interiorização no Sul do Brasil, e três membros de Instituições de apoio à migração (como Igrejas e ONGs) - método de seleção por conveniência; após isto, todos os participantes indicaram possíveis sujeitos para seguimento das entrevistas (método bola de neve), com os quais se fez contato e seguiram a indicação até atingir a saturação teórica dos dados. Coloca-se que a realização dos encontros aconteceu de forma totalmente *online*, o que se deu pela pesquisa ter ocorrido concomitante a um momento crítico da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), março a maio de 2020.

Pontua-se que este artigo é derivado de uma dissertação aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer número 3.911.316, CAAE 28372920.3.0000.5344. Todos os participantes estiveram de acordo com o estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de serem entrevistados. Assinala-se que o TCLE foi disponibilizado em dois idiomas: português e espanhol, sendo ambos de domínio da pesquisadora.



Todos os procedimentos éticos preconizados foram respeitados desde o contato inicial com possíveis participantes até o armazenamento de todos os materiais coletados. Além disso, ao longo do texto serão utilizados nomes fictícios para preservação da identidade dos sujeitos.

Os encontros tiveram tanto a sua duração quanto a sua forma variadas. As entrevistas que ocorreram de forma síncrona se deram por meio de chamadas de vídeo, a duração destes encontros foi variada, indo de trinta minutos até duas horas e alguns minutos. Por outro lado, também foram realizadas entrevistas assíncronas, elas se deram com áudios e mensagens escritas, escolha feita principalmente por aqueles que tinham dificuldade de manter uma boa conexão de internet ou em encontrar um espaço privativo em suas residências para diálogos. Nestas, tentou-se manter um diálogo contínuo para aprofundamento das informações, visto que muitas vezes as respostas eram mais sucintas.

As entrevistas foram transcritas e traduzidas, se necessário, para posterior interpretação. Sobre isto, a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) foi utilizada para a compreensão dos dados, com categorias criadas de forma mista. Para a categorização, contou-se com o auxílio de dois participantes do grupo de pesquisa com conhecimento sobre a análise, sendo acionado um terceiro em caso de discordância (também membro do grupo de pesquisa).

Caracterização dos participantes

No que diz respeito aos entrevistados cujas falas foram analisadas neste artigo, totalizaram-se dez venezuelanos, sendo cinco mulheres e cinco homens, com idades que variaram de 27 a 50 anos. Quando questionados sobre cor ou raça, nove assinalaram pardos (ou, conforme denominação nativa, morenos) e um branco. A maior parte dos participantes têm filhos (oito). E, no tocante ao estado civil, três são solteiros, quatro estão em uma união estável e três são casados.

Sobre o *status* migratório, um se considera imigrante e quatro refugiados. Outros colocam que possuem residência (quatro) e uma pessoa não soube responder esta questão. Quando questionados se receberam algum tipo de suporte em saúde mental no Brasil, quase que a unanimidade informou que isto não ocorreu (nove).

Quanto à localização geográfica, por um recorte estabelecido pela pesquisadora, houve maior concentração no estado do Rio Grande do Sul (RS), sendo somente um habitante de Santa Catarina. A variação de tempo de moradia no país foi de nove meses a cinco anos. Quase que a totalidade dos participantes reside com familiares, um mora com conhecidos venezuelanos e outro optou por não responder a essa pergunta.

Quanto ao aspecto formativo e acadêmico, um deles possui ensino fundamental, dois se formaram no ensino médio, dois em um nível técnico e quatro deles têm alguma formação superior. Uma pessoa optou por não responder ao questionamento. Quase todos compreendem mais do que um idioma, à exceção de uma participante que somente se comunicava em espanhol. Ressalta-se que a pesquisadora possui conhecimento em espanhol, essencial para a adequada realização das entrevistas.

No tangente à inserção laboral, há uma variação entre emprego com carteira assinada e trabalho em setores informais. Entre eles, uma venezuelana ocupa o cargo de bolsista acadêmica de um Programa de Pós-graduação (Albany), sete estão inseridos em empregos formais (Alexander, Laura, Rubi, Angel, Juan, Luis e Mariam), um ocupa um cargo de inclusão em instituição de apoio a refugiados (Antonio) e uma coloca como sendo sua ocupação a informalidade como artesã (Ariana).

Percebe-se o quanto a população venezuelana, ainda que caracterizada nesta pesquisa por uma pequena quantidade em relação a todos aqueles que migraram ao Sul do país, é diversa e plural em suas características sociodemográficas e experiências. Ao se falar sobre migração estão embutidas diversas histórias singulares, com os mais variados recortes de gênero, classe e cor, assim, é necessário estar atento a estas interseccionalidades e respeitar a interculturalidade presente no processo, sem colocá-los como uma categoria estanque e passível de generalização. Porém, tendo isto em vista, pontua-se que a saturação de dados, almejada como parâmetro para que se findassem as entrevistas, foi atingida ao se perceber a similaridade de pontos que se repetiram no roteiro de entrevista, sem deixar de contemplar uma diversidade e riqueza das histórias.

Resultados e Discussão

A interpretação dos dados analisados se deu conforme os preceitos propostos pela análise de conteúdo de Bardin (2011). Logo, o sentido do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento foram divididas em subcategorias para análise e discussão. As categorias de análise do sentido do trabalho foram: relevância social, conquistas pessoais, realização pessoal, estabilidade financeira, reconhecimento e crescimento. As categorias de análise das vivências de prazer foram: apoio da comunidade, apoio dos colegas de trabalho, apoio da chefia, relacionamento com os clientes e oportunidades de desenvolvimento; enquanto isso, as vivências de sofrimento surgem em: não domínio da língua, dificuldade de adaptação cultural,

mudanças drásticas na carreira, sobrecarga de trabalho, preconceito, relacionamento com colegas de trabalho, medo do desemprego, vivências de exploração e violência laboral.

Sentido do trabalho

Os venezuelanos que participaram desta pesquisa relataram diversas compreensões sobre o sentido do trabalho (Tabela 1). Com intuito de sistematização, reuniram-se em temáticas semelhantes, sendo: 1) Relevância Social, 2) Conquistas Pessoais; 3) Realização Pessoal; 4) Estabilidade Financeira; 5) Reconhecimento e Crescimento.

Tabela 1. *Sentido do Trabalho*

| Sentido do Trabalho | Exemplos |
|------------------------------|---|
| Relevância Social | “Hoje, para mim, é fazer o que gostas e que faça a diferença para outras pessoas (...) quero trabalhar em algo que faça a diferença, e que consiga mudar a vida de pessoas” (Antonio) |
| Conquistas Pessoais | “Para nós representa o que viemos lutar, qualidade de vida para nós, nos dá a oportunidade de crescer em todos os sentidos, em todos os hábitos de nossa vida” (Laura) |
| Realização Pessoal | “Meu pai sempre dizia que tínhamos que procurar trabalhar em algo que nos apaixonássemos, sabe? Que acordássemos com boa vibração ‘ah hoje vou trabalhar, vou pro meu trabalho!’ , com gosto sabe? Porque se vai trabalhar com sentimento ruim, está perdendo um dia de sua vida. Mas se trabalha e é apaixonado por ele, está degustando o dia, mais um dia degustado, sabe?” (Juan) |
| Estabilidade Financeira | “O trabalho tem sido muito importante para mim, porque através dele eu posso ajudar a minha família na Venezuela” (Angel) |
| Reconhecimento e Crescimento | e “O trabalho me serve para muitas coisas, além de ajudar no sustento da família, serve para reconhecimento também (...) o trabalho é um alimento, serve para nos alimentar, alimentar nosso conhecimento, sabe?” (Rubi) “Trabalhar é uma maneira de crescer como pessoa” (Ariana) |

Assinala-se que nos discursos surge o relato sobre a interferência da experiência migratória em seu entendimento de sentido do trabalho. Para Antonio, esse sentido se modificou completamente após as vivências recentes. Ele afirma que tinha uma visão de sentido voltada exclusivamente ao lucro e *status* de vida de alto padrão, porém, ao migrar para o Brasil, nota diferentes realidades daquela que estava habituado e percebe claramente a vulnerabilidade social a qual as pessoas estão expostas, em especial os que se deslocam forçadamente, e atribui

um novo sentido ao trabalho: o de fazer a diferença na vida de outras pessoas, inclusive utilizando sua experiência como fortalecedora para isto. Assim, pensar sobre a relevância social disto em sua vida permitiu uma ressignificação do sentido do trabalho, proporcionando o sentimento de reconhecimento social e realização. Ademais, assinala-se o sentido ético-político que esse aspecto carrega, não somente em um âmbito individual ao estabelecer um novo olhar ante suas vivências, mas também coletivo, pois proporciona a pessoas que passam por situações de vulnerabilidade social semelhantes maiores oportunidades de acolhimento, enfrentamento dos sofrimentos que emergem e resistência, incluindo o confronto contra o preconceito pela condição de estrangeiro, que será melhor detalhado adiante.

As conquistas ou objetivos pessoais surgem como forma de pensar o sentido atribuído ao trabalho, relacionando-se a objetivos materiais. Para Morin (2001), esse sentido pode estar ligado às possibilidades que ele oferece em relação a valores e metas da pessoa, permitindo a realização do sujeito e ofertando oportunidades de crescimento. Percebe-se isto nas falas de Alexander e Laura.

Percebe-se que o sentido do trabalho também emerge relacionado a uma perspectiva imaterial, através da percepção de realização pessoal, atrelada não somente a metas conquistadas, mas também a um sentimento de autonomia, independência e reconhecimento social, como percebido nas falas de Juan. Logo, nota-se que essas dinâmicas conferem ao trabalho um lugar de investimento pulsional, no qual há retribuição simbólica de forma coletiva e individual. Com isto, possibilita-se a sublimação do sofrimento em prazer, aspecto ligado à promoção e manutenção da saúde laboral nos sujeitos (Nascimento & Dellagnelo, 2018).

O sentido do trabalho em muito refletiu as histórias vividas por essas pessoas, não podendo ser dissociadas da singularidade da vivência migratória. Como é o caso de Juan, que traz o sentido do trabalho a partir de dois olhares: do aprendizado adquirido com a família ao longo de seu crescimento (em uma ideia de constante busca pela realização pessoal), sendo o que primordialmente constituiu sua ideia de sentido ao labor, e do marco psíquico provocado pela experiência traumática frente a violação de direitos humanos que sofreu com sua família nos últimos anos em que residiu na Venezuela (fazendo com que emergisse a significação relativa à estabilidade financeira):

“o trabalho é algo primordial: alimentação! (...) minha esposa e eu podemos passar fome, mas como conseguimos falar isso para nossa filha? (...) Nós somos cristãos (...) o trabalho é um mandamento do Senhor (...) o trabalho é algo bom de se ter e fazer. Como meu pai dizia, nós tínhamos que procurar trabalho em algo que nos apaixonássemos,

*sabe? (...) se trabalha e é apaixonado por ele, está degustando o dia”
(Juan)*

A maior parte dos participantes atribui o sentido do trabalho a uma possibilidade de bem-estar e melhor qualidade de vida para si mesmos e suas famílias, pensando no sentido de uma estabilização financeira, reforçando achados de outras pesquisas (Carbajal & De Miguel Calvo, 2012; Weber et al., 2018; Weber, Brunnet, Lobo, Cargnelutti, & Pizzinato, 2019). A exemplo das falas de Angel, que conta que do pouco salário que recebe consegue sustentar a si mesmo, os familiares que residem no Brasil e enviar dinheiro à Venezuela com regularidade. Além dele, esse sentido também foi percebido nas falas de Juan, Luis, Albany, Rubi e Mariam.

Já reconhecimento e crescimento surgem em especial naqueles que percebem o trabalho possuindo relevância social, como o que se ilustra com as falas de Ariana e Rubi. Para a merendeira Rubi, há a percepção simbólica do trabalho como alimento, pois conseguiu crescer pessoalmente e se sente reconhecida e satisfeita com a nova profissão desde que migrou ao Brasil. Desse modo, pensa-se em como o real do trabalho se entrelaça ao sentido atribuído a ele.

Segundo Coelho-Lima & Bendassolli (2020), há indícios de que o sentido do trabalho pode ser identificado de acordo com a atividade, colocam que àqueles que produzem um produto palpável o trabalho é percebido como central e reconhecem a importância que possuem nessa dinâmica (a exemplo da merendeira Rubi ou do produtor de estofados Alexander: “não é somente que assinem tua carteira, é tudo aquilo que você faz”), já para aqueles que estão ligados somente à venda do produto o sentido está mais relacionado a uma rentabilidade financeira (como Luis, que trabalha com lavagem de carros: “o trabalho para mim é da maneira que a gente ganha o pão do dia a dia”).

Nota-se que a depender da peculiaridade de cada vivência (experiências anteriores, condições socioeconômicas do sujeito, contexto em que se deu o traslado e o próprio percurso migratório) há a possibilidade de reflexão sobre aspectos primordiais da realidade e cotidiano do sujeito. Assim, o migrante, no processo de sofrimento que permite a elaboração de formas de enfrentamento da realidade ao invés de somente adoecimentos, poderá rever o sentido que atribui ao trabalhar e, de forma construtiva, provocar mudanças significativas em sua vida (Ferreira, 2013; Moraes, 2013).

Àqueles que, para além de migrar em busca de melhores condições de vida, vivenciaram de alguma forma experiências traumáticas diante de graves violações de direitos humanos em alguma das fases do curso migratório, podem ter maiores dificuldades em perceber o deslocamento como uma possibilidade de autorreflexão quanto ao sentido que se atribui ao

trabalho e seus objetivos a longo prazo. Dessa forma, pontua-se que o sentido do trabalho é perpassado pelas vivências de sofrimento e pelo cenário macrossocial. Para aqueles com dificuldades na percepção da migração como oportunidade ou que experienciaram mais intensamente violações de direitos humanos, percebe-se maiores angústias relativas ao vivido, assim como a agonia frente a possibilidade de vivenciar novamente a fome e o desemprego.

Vivências de prazer e sofrimento no trabalho

No que diz respeito ao prazer e sofrimento no trabalho, aponta-se a percepção de ambas as vivências nas experiências laborais de venezuelanos que residem no Brasil. A análise e discussão se deu conforme as subcategorias apresentadas nas Tabelas 2 e 3:

Tabela 2. Vivências de Prazer

| Vivências de Prazer | Exemplos |
|---------------------------------|--|
| Apoio da Comunidade | “O que a Prefeitura fez foi muito inteligente (referindo-se ao suporte recebido pelo Processo de Interiorização Venezuelana), elas vieram planejando um trabalho (...) e nós chegamos com fome de trabalho” (Laura). |
| Apoio dos Colegas de Trabalho | “Eu gosto do meu trabalho, gosto sim, o pessoal daqui é como uma família, são muito queridos e prestativos” (Luis). |
| Apoio da Chefia | “Quando cheguei aqui, a primeira coisa que meu orientador me disse foi: seja bem-vinda, estamos felizes de você se incorporar a nossa equipe e se alguém te incomodar me fala na hora, que eu tomo providência disso. Então foi uma sensação muito bacana!” (Albany). |
| Relacionamento com os Clientes | “Sinto prazer em quase tudo, mas eu gosto muito de que em cada refeição que a gente atende eles, as carinhas que eles fazem, bah, é muito satisfatório para nós” (Rubi). |
| Oportunidade de Desenvolvimento | “Eles me incluíram (referindo-se ao local que oportunizou o trabalho com migração), eles me fizeram sentir como se eu conseguisse (...) é o que quero desenvolver hoje em dia, na área social, é o que quero. Lá abriu caminho para seguir fazendo o que gosto” (Antonio). |

Sobre as vivências de prazer, pontua-se o apoio comunitário como importante nesse processo de elaboração do sofrimento em prazer, citado por Laura, Ariana e Alexander. Laura aponta a importância do processo de interiorização venezuelana promovido pela Operação Acolhida (Aguiar, 2018), cita que a percepção de apoio recebida pela comunidade brasileira foi essencial em seu processo de adaptação, visto a criação de oportunidades de inserção laboral,

para além da afetividade percebida: “Foi bom em muitos sentidos, porque as pessoas me respeitaram muito, me deram carinho, ainda tenho contato com eles (referindo-se aos trabalhadores da loja que atuou), mas queria outras coisas, sabe? Assim que tive outras oportunidades as tomei (...) sou muito feliz no meu trabalho”. Outro exemplo disto é Ariana, que refere o apoio da vizinha na inserção laboral como algo positivo: “Desde que vim (...) comecei a costurar artesanato. Minha vizinha faz artesanato para vender e me ajuda a encontrar clientes e me diz o que posso fazer para vender”.

Além disso, a percepção de apoio entre os colegas de trabalho também surge como uma vivência de prazer laboral, pois permitiu o acolhimento dessas pessoas, entendendo a singularidade do processo vivido e criando um ambiente de cooperação. Laura, Albany, Luis. Angel e Juan trazem falas que sinalizam isto, pontuando o quanto minimizou as angústias comuns a esta fase.

“Passo o dia todo falando com meus colegas, treinando (idioma), quando não tenho o que fazer peço para eles o que é tal e tal coisa, e tem colega que também fala em inglês, então quando não consigo falar em português, peço para ele em inglês e aí dá para se comunicar. Falo para ele que é meu brother de gírias (...). Eu tenho uma boa equipe de trabalho! Eu me sinto reconhecido” (Juan).

Outro exemplo é o da vivência de Albany, que entre diversas experiências que causaram sofrimento, inclusive preconceitos, relata o quanto o apoio oferecido por seus colegas de grupo de pesquisa foi essencial para que não desistisse da realização de seu mestrado acadêmico. Segundo ela, seus companheiros a apoiaram em todos os aspectos durante a nova fase de sua vida, indo contra toda e qualquer forma de preconceito e mostrando confiança por seu trabalho: “(...) me aconselharam como desenvolver melhor as atividades e como se realiza a pesquisa na faculdade, isso foi muito legal porque permitiu me adaptar facilmente nesta nova etapa”. Porém, ressalta-se que tanto no caso dela quanto no de Luis, há uma dicotomia de sentimentos que emergem quando se fala sobre a relação com os pares, ora como uma vivência de prazer, como supracitado, ora como uma vivência de sofrimento, como exemplifica Albany: “Muitas vezes atrapalharam meu serviço e tentaram enrolar as atividades”.

O reconhecimento de pares (julgamento de beleza) é, juntamente com o reconhecimento dos superiores (julgamento de utilidade), entendido como um elemento central na dinâmica do sujeito com seu trabalho, atravessados pela percepção de reconhecimento, essencial nas discussões sobre vivências de prazer e sofrimento. Entende-se que o trabalhador busca constantemente o reconhecimento como uma espécie de retorno pelo que oferta, dando sentido

ao trabalho e sendo este o processo que causa (ou interrompe) a mobilização subjetiva, promovendo a ressignificação do sofrimento em prazer. Cita-se também a importância do reconhecimento para os processos de organizações coletivas, já que se cria o sentimento de pertencimento a um grupo (Máximo, Araújo, & Zambroni-de-Souza, 2014; Silva, Deusdedit-Júnior & Batista, 2015).

Nesse sentido, a percepção de apoio das chefias foi considerada por alguns participantes como uma vivência de prazer que atuou de forma semelhante à dos colegas de trabalho, oferecendo suporte e reconhecimento. Essa vivência é sinalizada por Antonio, Albany, Laura, Alexander e Juan.

“A diretora me acolheu de uma maneira linda, quando me apresentou foi a todas as salas, explicou que falava outra língua, que talvez teria dificuldades (...) Normalmente, quando tenho dificuldade falo com a diretora, ela me ajuda muito, é uma mulher muito especial, sempre me escuta, (...) sempre presente para o precisar” (Laura).

“Sabe que eu fiz um curso e a empresa tinha que pagar metade e eu a outra metade, e eles conseguiram pagar todo o curso, só que depois tinha que fazer uma palestra em português explicando tudo que aprendi. Foi algo muito bom, muito legal. Foi uma chance de crescimento” (Juan).

Segundo Alexander, o ambiente promovido pelo seu superior é uma vivência considerada positiva, criando um espaço em que os trabalhadores conseguem aprender e exercer sua inteligência sem imposições violentas:

“(...) eu trabalho em um setor que se chama ‘escolinha’, pois é um centro de treinamento da empresa. Neste setor trabalham seis venezuelanos e um instrutor que é brasileiro, mas ele é uma pessoa que tem esse dom, essa graça do ensino, essa pedagogia, essa forma de ensinar, então ele tem isso e o que acontece (...) você não entende algo e ele tem essa facilidade de ensinar. Então, até agora, por mais trabalho que você tenha, esse cara faz com que você se sintam bem”.

Outro aspecto que causou prazer foi o do relacionamento com clientes ou usuários, citado por Laura e Rubi. Ambas trazem isto no tocante ao relacionamento que construíram com as crianças que atendem na escola em que trabalham: “as crianças são maravilhosas, e todas elas me entendem!” (Laura). Ademais, essa vivência parece estar enlaçada a percepção de utilidade do trabalho e, conseqüentemente, ao reconhecimento tido.

Por fim, cita-se a percepção de oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional como um aspecto que promove prazer. Antonio cita a migração e conseqüentes vivências

laborais como marcos importantes para que pensasse sobre diversos aspectos de sua vida, refere o quanto foi importante ter realizado mudanças em sua carreira e, com isso, ter se desenvolvido em um âmbito pessoal e profissional, sendo agora o seu desejo de trabalhar em espaços que auxilie terceiros. Rubi também tem percepção semelhante e fala sobre sua satisfação pessoal e profissional com o desenvolvimento que possuiu a partir do contato com seu novo emprego no Brasil.

Sinaliza-se que Mariam não conseguiu discorrer sobre as vivências de prazer em seu espaço de trabalho, somente sinalizar aquilo que causava sofrimentos. Nesse sentido, assinala-se que esta pesquisa percebeu um maior número de vivências de sofrimento do que de prazer expressa pelos participantes, conforme tabela abaixo:

Tabela 3. Vivências de Sofrimento

| Vivências de Sofrimento | Exemplos |
|--|--|
| Não Domínio da Língua | “Não entendia nada do português e era complicado me comunicar, durei quatro meses (referindo-se a um posto laboral), mas era muito difícil para mim” (Laura). |
| Dificuldades de Adaptação Cultural | “O mais difícil para mim foi aprender que existem costumes” (Rubi). |
| Mudanças Drásticas na Carreira | “Eu amava o que fazia lá” (Ariana). |
| Sobrecarga de Trabalho | “No começo foi duro porque se trabalhava nove horas completamente de pé e não foi fácil a adaptação (...) não me sentia bem fisicamente, sentia muita dor e vontade de chorar, e renunciar no primeiro mês” (Mariam). |
| Preconceito | “Nos outros empregos que eu tive sempre minha opinião foi pouco valorizada, ninguém acredita no conhecimento ou experiência de um estrangeiro” (Albany). |
| Relacionamento com Colegas de Trabalho | “Desde o início eles me deixaram claro sua opinião, de que eu não merecia participar do grupo de pesquisa nem receber bolsa pelo fato de ser estrangeira, para eles eu estava roubando a oportunidade de um brasileiro” (Albany). |
| Medo do Desemprego | “Desemprego é uma coisa que preocupa muito as pessoas que estão aqui no Brasil” (Laura). |
| Vivência de Exploração e Violência Laboral | “Tem uma notícia que tocaram fogo em um abrigo, sabe? Foi nesse município justamente aonde cheguei, o brasileiro desse município ficou bravo, dizendo que venezuelano não prestava, então quando tu ias fazer uma diária esse brasileiro falava assim ‘tenho tal trabalho e posso te pagar’, se o trabalho custava 600 reais, ao final, ele te pagava 300 ou 200 reais” (Alexander). |

O não domínio da língua surgiu como um dos pontos mais comuns de sofrimento laboral, trazendo situações diversas que iam desde a dificuldade de encontrar uma colocação no mercado de trabalho formal até o não entendimento dentro de equipes de trabalhos visto essa barreira cultural. É um relato frequente entre eles a dificuldade de compreensão de ordens de trabalho, gírias usadas pelos companheiros e receio na comunicação com colegas e clientes. Pode-se pensar que essa vivência se relaciona ao sentimento de pertencimento, seja ele a um posto laboral ou a uma sociedade. Ilustrando esse cenário, há a experiência de Albany sobre as dificuldades de inserção profissional por conta do idioma: “O pouco português que tinha estudado na Venezuela era muito diferente do que é falado na rua, portanto foi muito difícil me comunicar os primeiros seis meses”, ou a de Juan, que traz sensações de medo e insegurança relacionado a seu posto de trabalho por conta da autocobrança que faz a si próprio pelo não entendimento do português como língua para comunicação: “É estressante porque sempre fica pensando que vão mandar para a rua, aí fica pensando em como ia conseguir outro emprego, e a família, e as contas, e a comida, como que conseguiria outro (...) e tudo isso (...) então no início era bem difícil”. Assim como eles, essa vivência de sofrimento também se faz presente nos discursos de Ariana, Alexander, Rubi e Laura.

Cita-se, também, como uma vivência de sofrimento semelhante, as dificuldades de adaptação cultural. Para alguns dos venezuelanos entrevistados este foi um dos pontos mais difíceis de se superar, pois havia um costume diferente em seu país de origem desde normas sociais e alimentação, até questões laborais em si. Pontuam que na Venezuela é comum que as horas trabalhadas diariamente e semanalmente sejam muito reduzidas quando comparadas ao Brasil, assim como mudanças nas formas de execução das tarefas (como o caso de Rubi que precisou adaptar seu paladar para trabalhar como merendeira no país). Mencionam, também, as diferenças culturais nas adaptações necessárias em sua atividade laboral, visto as diferentes exigências demandadas em cada cultura, como o caso de Mariam e Juan.

Ademais, citam a necessidade de mudanças na carreira. Para muitos migrantes, esta é uma realidade necessária, inclusive pela dificuldade de validação do diploma no país, já que não têm acesso a documentações necessárias que estão na Venezuela, ou comprovação de experiência laboral prévia, como se apresentou no discurso de Alexander: “Quando eu cheguei (...) queria saber se podia exercer minha profissão, e me falaram que não, que tinha que estudar de novo praticamente, aí eu fiquei assim ‘ah, não!’. Então vou trabalhar e logo com o tempo e dinheiro vou pagando um curso”. Além dele, esse sofrimento se fez presente nas falas de Ariana.

A revalidação dos diplomas a venezuelanos é composta por excessiva burocracia, compondo-se como um obstáculo a ser superado pelos setores de políticas educacionais, sociais e nas próprias instituições de ensino superior (IES). Os entraves do processo incluem a dificuldade na obtenção de documentação comprobatórias no país de origem, a barreira linguística nas provas de certificação de conhecimentos e a demora na avaliação de documentações pelas IES. Assim, ainda que exista previsão de flexibilização para revalidação de diplomas no caso de refugiados, conforme a Resolução CNE nº. 3 de 22 de junho de 2016, o cenário percebido nesta pesquisa é bastante discrepante. A impossibilidade de atuação na área de formação é outro fator determinante que traz agravos à situação social, laboral e econômica desses migrantes, afetando aspectos de manutenção da qualidade de vida, reconhecimento e satisfação na carreira escolhida e almejada que não poderá mais ser executada por eles, e podendo ser relacionada a um maior índice de inserção laboral em postos de trabalho mais precarizados (Ferreira da Silva & Sant'Ana Bento, 2021).

Ainda, a sobrecarga de trabalho aliada à precarização laboral surge, também, como um dos fatores que causam sofrimento aos participantes, a exemplo do caso de Mariam, em que o desgaste físico ocasionado pela atividade laboral acarretava danos tanto psíquicos quanto corporais, como choro fácil e dores no corpo. Antonio é outro participante a demonstrar essas consequências e traz como ilustração a descoberta de uma doença neurológica em momento de maior estresse e sobrecarga no ambiente de trabalho:

“Comecei com formigamento (...) achei que não era nada, que não estava descansando bem, e comecei a me automedicar com relaxante muscular (...) a médica me disse que tinham saído os resultados e que era grave (...) esclerose múltipla (...) E dizem que os surtos acontecem por estresse e essas coisas (...) mas falei para a neuro que não me sentia estressado, mas quando a gente foi relacionando sobre minha vida e tudo isso ela disse: ‘Tu tens um grande nível de estresse, mas como tu és um cara legal, sorridente, tu tapas tudo isso, mas o que está acontecendo dentro de ti é muita pressão que não queres assumir e teu corpo está batalhando contra isso, mesmo que não veja. Estás em processo migratório, muita família, em um trabalho noturno sob muita pressão. Tu estás com um monte de coisa’” (Antonio).

Ainda sobre o caso de Antonio, pode-se teorizar que a carga exacerbada de trabalho trouxe impactos muito além daqueles orgânicos. Percebe-se que nos discursos sobre sentido do trabalho e vivências de prazer, muito traz aspectos relacionados ao reconhecimento social e dos pares para elucidar o lugar ocupado pelo trabalho em sua vida, logo, questiona-se o quanto esse quadro pode ter impactado nessas percepções, ainda que tenha ressignificado seu sofrimento

após ser incluído em um espaço de trabalho social voltado à migração. Sabe-se que o trabalho é algo que requer investimento físico e psíquicos dos sujeitos, porém, quando se doam em demasia, é capaz de agravar significativamente o sofrimento e esgotamento deles e, quando isto gera incapacidade de seguir em sua função, pode impactar na percepção de reconhecimento tida (Ramos et al., 2010).

O preconceito também foi listado como uma vivência de sofrimento laboral pelos venezuelanos entrevistados, notou-se que, de forma sutil, diversos trouxeram a percepção de ofertas de emprego que não condizem com o nível de formação, dado o fato de serem migrantes, como o caso de Alexander e Ariana: “Eu queria trabalhar e preciso do emprego, as horas eram de meio turno, de limpeza, é isso que eles oferecem para um venezuelano” (Ariana). Porém alguns trazem relatos mais preocupantes, como o caso de Albany que conta que iniciou um mestrado no Brasil e que, assim que conferida uma bolsa a ela, sofreu com xenofobia por parte de alguns colegas, criando tensão em seu cotidiano profissional”. Neste sentido, ainda traz que eles tentaram sabotar seu trabalho: “Muitas vezes, eles atrapalharam meu serviço e tentaram enrolar as atividades. Obviamente isso me gerava muita raiva e desconforto, mas com o tempo as atitudes foram mudando. O ambiente ainda é tenso”. Reforça-se que, assim como para Albany, a vivência de um relacionamento ruim com colegas de trabalho foi uma significativa vivência de sofrimento também para Luis, mostrando-se ora como fator protetivo, ora como fator de risco a um possível adoecimento a depender de como se apresenta.

Albany pontua, ainda, o constante medo do desemprego, especialmente quando pensa sobre a finalização de sua bolsa de mestrado, questionando-se se conseguirá se reinserir laboralmente e quais postos a ela serão ofertados: “É possível que depois de terminar o mestrado deva voltar a trabalhar fazendo faxina ou atendimento ao público”. Mesmo em pessoas com maior escolaridade, enfatiza-se a oferta de trabalho a esses migrantes em setores informais ou marcados pela desigualdade frente a direitos trabalhistas (subempregos), fatores que podem ocasionar sentimentos de inferioridade e outros inúmeros sofrimentos (Trindade et al, 2021). O fantasma do desemprego também é evidenciado no discurso de Laura. A pressão psíquica se evidencia diante da ameaça do desemprego, ocasionando silenciamentos, fragilização de vínculos, aumento das sobrecargas físicas e emocionais, e outros. Ressalta-se que tais abalos podem desencadear agravos físicos e psíquicos ao trabalhador (Pinheiro & Monteiro, 2007).

Ademais, percebem-se relatos de explorações laborais e violência contra os venezuelanos, identificados como aspectos que trouxeram sofrimento a alguns dos entrevistados que passaram por tal situação. No que diz respeito a situações de exploração laboral, especificamente com o público entrevistado, somente houve relatos disso, seja de uma

forma explícita ou não, quando no início do processo migratório em cidades no estado de Roraima (que faz divisa com a Venezuela e é, em geral, o primeiro estado brasileiro com o qual têm contato). Percebe-se, ainda, a dicotomia evidente entre a percepção de exploração e o sentimento de gratidão pelas ofertas recebidas, em muito pela história migratória existente.

“Disseram que me ajudariam achando alguma coisa para fazer, e que se eu não tivesse onde dormir, poderia ficar lá, e assim elas conseguiriam me ajudar a mandar algum dinheirinho a meus filhos. Nem todo mundo pensa igual, mas eu sou muito agradecida. Quando elas abriram as portas de sua casa eu tentava dar o meu melhor, limpava a área, cozinha, fazia almoço, limpava pátio, lavava suas roupas” (Rubi).

Alexander refere que, especialmente pelo alto número de pessoas residindo no mesmo espaço geográfico e pela falta de estruturação adequada, havia alta demanda e pouca oferta, acarretando salários menores que o habitual – aliado a atitudes xenofóbicas de desvalorização profissional pelo fato de se tratar de migrantes. Segundo ele, assumiu empregos nos quais recebia um salário menor do que metade daquilo pago a brasileiros, além de diversas situações vexatórias, porque necessitava se manter até definir seus próximos passos. Com base nesse discurso de Alexander, percebe-se que a violência laboral se apresenta como causadora de sofrimentos. Nota-se, ademais, que foi exposto a situações vexatórias por seus empregadores. Assim sendo, mostra-se essencial o seguimento da investigação sobre como se dá o trabalho em um cenário migratório, visto tais vivências que podem emergir.

Considerações Finais

A percepção dos venezuelanos entrevistados sobre suas vivências frente ao trabalho demonstra a importância do lugar do labor em suas vidas, especialmente por se encontrarem em uma situação de deslocamento forçado, em que há o desejo por melhores condições socioeconômicas para si mesmos e suas famílias, residam elas no Brasil ou na Venezuela. Assim, a escuta sobre o sentido do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento que dele emergem conseguiu clarear necessidades presentes nesse contexto, bem como o entendimento deles sobre isto.

Para os venezuelanos entrevistados, o sentido do trabalho oscila entre questões financeiras e questões subjetivas, por vezes entendendo o sentido do trabalho como uma junção de ambos. Para a maior parte, a estabilidade financeira e as conquistas ou realização pessoal

tem destaque, sendo possível analisar o quanto esses fatores influenciam, também, os processos psíquicos dessas pessoas, como a satisfação pessoal, o reconhecimento familiar e da sociedade, a valorização de si próprios e outros, trazendo pensamentos e sentimentos angustiantes àqueles que não conseguem se inserir profissionalmente, como o medo frente a possibilidade de reviver situações de necessidade com questões básicas, como moradia e alimento. Outros, já, colocam que a significação do trabalho em suas vidas se volta a percepções internas de importância social, reconhecimento, crescimento pessoal e satisfação.

Não deslocado disso, percebem-se as vivências de prazer e sofrimento como sinalizadores possíveis daquilo que podem necessitar intervenção para um apropriado acolhimento dessas pessoas ao migrarem ao Brasil, em muito refletindo, também, o quanto é essencial um olhar atento às questões laborais, não somente por serem constituintes dos sujeitos, mas também para que esses migrantes, muitas vezes invisibilizados e marginalizados socialmente, não sejam expostos a condições precárias ou análogas à escravidão em seus postos laborais (Bernal, 2010; Ferreira et al, 2015; Tolfo, 2015).

Como vivências de prazer, surge, principalmente, o apoio recebido (comunidade, colegas de trabalho, chefias, clientes) como essencial para a promoção de engajamento laboral, possibilitando a transformação de situações de sofrimento que causam incômodos. Nota-se o quanto isso é essencial, juntamente com as oportunidades de desenvolvimento, que se mostram como uma vivência de prazer ao se conectar com a possibilidade de reconhecimento de seu trabalho, para a sua promoção de saúde mental.

Em contrapartida, as vivências de sofrimento se colocam como angústias não necessariamente superadas, tanto em caráter interno (individual, logo, subjetivo) quanto em caráter externo (como a xenofobia e precarizações), o sentimento de fracasso e medo como sombras que dificultam a percepção de realização pessoal ou reconhecimento social. Sinaliza-se, em um primeiro momento, o quanto o relacionamento com colegas de trabalho adquire espaço em ambas as vivências, ora sendo causador de sofrimento por conta de situações vexatórias que estampam a xenofobia de alguns brasileiros, ora sendo promotor de saúde ao se conectar com vivências prazerosas que conseguem promover mudanças cotidianas. Ademais, como vivências de sofrimento, também são sinalizadas: não domínio da língua e dificuldade de adaptação cultural, que se pode entender como um processo em constante mutação, visto a possibilidade de que se sintam em um espaço intermediário de não pertencimento pela situação de migração, muito a depender de como são acolhidos no Brasil; as mudanças drásticas na carreira, principalmente pela dificuldade de revalidação de diplomas e experiências, além da escancarada oferta de subempregos a eles pela condição de migração; a sobrecarga laboral, que,

assim como no item anterior, pode estar relacionada a quais postos laborais se oferecem àqueles que migram de países latinos; o preconceito; o medo do desemprego, inclusive àqueles que tem fonte de renda fixa nesse momento; e as vivências de exploração e violência laboral. A partir disto, sinaliza-se a necessidade de Políticas Públicas voltadas para o apoio social aos migrantes, para o combate ao preconceito xenofóbico e racial, para a facilitação nos processos de revalidação de diplomas acadêmicos (com a efetiva flexibilização já prevista legalmente), e para a adequada fiscalização de órgãos públicos a trabalhos que são ofertados aos venezuelanos que estão adentrando no país.

Logo, entende-se que esse estudo explicita que o trabalho vai muito além de uma fonte de renda, ocupando espaço de (re)construções subjetivas e de identidade nesses sujeitos. Ao se analisar o sentido atribuído ao laboral, nota-se que para a maior parte está muito além de questões meramente materiais, ainda que tenham migrado por motivos relacionados a uma crise humanitária, logo, também econômica. Suas vivências frente ao trabalho são responsáveis por denunciar nessa escrita àquilo que muito ocorre com àqueles que não se enxergam socialmente, o descaso do Estado e da sociedade é capaz de agravar sofrimentos que já são comuns aos migrantes que estão em uma mudança entre o lá e o aqui, construindo um novo lar, concreto e simbólico. Assim, o não pertencimento, que surge ora como algo comum a migração, ora como potencializado pelas vivências no Brasil, interfere na construção de si, em suas identidades, em um conflito que pode levar a pensamentos sobre uma suposta necessidade de se renunciar a quem se era. Assim sendo, sinaliza-se como sendo impreterível que se olhe para essa questão, e que se possa utilizar desses achados para um adequado acolhimento, criação de Políticas Públicas de inserção laboral, social e acompanhamento psicossocial.



REFERÊNCIAS

- ACNUR. (1984). *Declaração de Cartagena*. Colóquio sobre Proteção Internacional dos Refugiados na América Central, México e Panamá: Problemas Jurídicos e Humanitários. https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf
- ACNUR. (2020, June 18). *Relatório global do ACNUR revela deslocamento forçado de 1% da humanidade*. <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/18/relatorio-global-do-acnur-revela-deslocamento-forcado-de-1-da-humanidade/>
- Aguiar, T. C. (2018). Operação acolhida. *Ministério da Defesa*. https://archive.org/details/operacao_acolhida_brasil_2018
- Anjos, F. B. dos. (2013). Organização do Trabalho. In F. de O. Vieira, A. M. Mendes, & Á. R. C. Merlo (Eds.), *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho* (pp. 267–273). Curitiba: Juruá Editora.
- Araujo, L. K. R., & Oliveira, S. S. (2019). Mapeamento dos Riscos Psicossociais no SAMU/DF. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1–12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184126>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bernal, A. O. (2010). *Psicologia do Trabalho em um Mundo Globalizado: Como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- Carbajal, M. J., & De Miguel Calvo, J. M. (2012). Necesidades de uso de los Servicios de Salud Mental de refugiados cubanos residentes en Roanoke, Virginia, Estados Unidos. Un estudio exploratorio. *Cuadernos de Trabajo Social*, 25(2), 477–487. https://doi.org/10.5209/rev_cuts.2012.v25.n2.39633
- Castilhos, C. D. C., & Castro, J. D. de. (2020). Os Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. In C. da S. Calvete & C. H. Horn (Eds.), *A Quarta Revolução Industrial e a Reforma Trabalhista: impactos nas relações de trabalho no Brasil* (Vol. 1, pp. 326–352). <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Coelho-Lima, F., & Bendassolli, P. F. (2020). Trabalhadores e Trabalhadoras na Informalidade: Intervenções Possíveis. In M. M. de Moraes (Ed.), *O trabalho e as medidas de contenção da COVID-19. Contribuições da Psicologia Organizacional e do Trabalho no contexto da pandemia Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho* (pp. 35–44). Porto Alegre: Artmed.
- Costa, S. H. B. (2013). Sentido do Trabalho. In *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho* (p. 512). Curitiba: Juruá Editora.
- Cresswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.

- Dejours, C. (2014). *Trabalho, Tecnologia e Organização: Avaliação do trabalho submetida à prova do real* (2nd ed.; L. I. Sznelwar & F. L. Mascia, Eds.). São Paulo: Blucher.
- Eberhardt, L. D., Schütz, G. E., Bonfatti, R. J., & Miranda, A. C. de. (2018). Imigração haitiana em Cascavel, Paraná: ponto de convergência entre história(s), trabalho e saúde. *Saúde Em Debate*, 42(118), 676–686. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811811>
- Facas, E. P., Mendes, A. M., Freitas, L. G. de, Amaral, G. A., & Duarte, F. S. (2017). A Psicodinâmica do Trabalho na Região Centro-Oeste do Brasil. In J. K. Monteiro, R. D. de Moraes, A. M. Mendes, & Á. R. C. Merlo (Eds.), *Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Práticas, Avanços e Desafios* (pp. 15–36). Curitiba: Juruá Editora.
- Ferreira, J. B. (2013). Real do Trabalho. In F. de O. Vieira; A. M. Mendes, & Á. R. C. Merlo (Eds.), *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho* (pp. 343–350). Curitiba: Juruá Editora.
- Ferreira, J. B., Macêdo, K. B., & Martins, S. R. (2015). Real do Trabalho, Sublimação e Subjetivação. In *Trabalho e Prazer: Teoria, Pesquisas e Práticas* (pp. 33–49). Curitiba: Juruá Editora.
- Ferreira da Silva, R., & Sant’Ana Bento, J. (2021). Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil. *Colombia Internacional*, (106), 165-198.
- Freitas, L. G., Augusto, M. M., & Mendes, A. M. (2014). Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. *Psicologia Em Revista*, 20(1), 34–55. <https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n1p34>
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Ministério da Justiça (2015). Migrantes, apátridas e refugiados: Subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. *Pensando o Direito*, 57, 174.
- Lancman, S., & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social Do Trabalho*, 6(0), 79. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v6i0p79-90>
- Lanza, L. M. B., Ribeiro, P. B. A., & Faquin, E. S. (2018). Imigrantes nos territórios: problematizações sobre intervenções profissionais nas políticas de seguridade social. *Revista Katálysis*, 21(2), 271–280. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p271>
- Martine, G. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo Em Perspectiva*, 19(3), 3–22. <https://doi.org/10.1590/s0102-88392005000300001>
- Máximo, T. A. C. de O., Araújo, A. J. da S., & Zambroni-de-Souza, P. C. (2014). Vivências de sofrimento e prazer no trabalho de gerentes de banco. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 96–111.
- Mendes, A. M. (2007). Da Psicodinâmica à Psicopatologia do Trabalho. In *Psicodinâmica do Trabalho: Teoria, Método e Pesquisas* (pp. 29–48). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Mendes, A. M., & Araujo, L. K. R. (2012). *Clínica Psicodinâmica do Trabalho. O Sujeito em Ação*. Juruá Editora.
- Ministério da Justiça e da Segurança Pública (2020). *Refúgio em Números*. 5a ed. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça. : https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/REFUGIOEMNUMEROS_5EDICAO.pdf
- Ministério da Justiça e da Segurança Pública (n.d.). *Refúgio em Números*. 3a ed. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça. : <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>
- Moraes, R. D. de. (2013). Sofrimento Criativo e Patogênico. In F. de O. Vieira, A. M. Mendes, & Á. R. C. Merlo (Eds.), *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho* (pp. 415–419). Curitiba: Juruá Editora.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08–19. <https://doi.org/10.1590/s0034-75902001000300002>
- Nascimento, M., & Dellagnelo, E. H. L. (2018). Entre a Obrigação E O Prazer De Criar: Uma Análise Psicodinâmica Do Prazer-Sofrimento No Trabalho Artístico. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 24(2), 135–166. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.205.80531>
- Pinheiro, L. R. S., & Monteiro, J. K. (2007). Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de Psicologia Social Do Trabalho*, 10(2), 35. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v10i2p35-45>
- Ramos, M. Z., Cardozo Bianchessi, D. L., Crespo Merlo, A. R., Poersch, A. L., Veeck, C., Heisler, S. Z., & Vieira, J. A. (2010). Trabalho, adoecimento e histórias de vida em trabalhadoras da indústria calçadista. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(2), 207–212. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200010>
- Rodrigues, N. V., Queiroz, I. S., & Lozano, A. M. C. (2021). Impactos da (des)territorialização nos processos de subjetivação: experiências migratórias de refugiadas venezuelanas em Bogotá. http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/viewFile/e3989/2625
- Silva, R. V. S., Deusdedit-Júnior, M. & Batista, M. A. (2015). A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 415-427. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000300010
- Tolfo, S. da R. (2015). Significados e Sentidos do Trabalho. In *Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações* (pp. 617–625). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trindade, R. A., Dos Reis, A. L. P. P., Jacinto, M. S., Santos, J. G. R. (2021). Psicodinâmica do Trabalho de Terceirizados em uma Universidade Pública. *Revista Trabalho En(Cena)*, 1-26.
- UNHCR. (2019). *Global Trends: Forced Displacement in 2018*. <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf>

- UNHCR. (2020). Trends at a glance: Global trends forced displacement in 2019. *UNHCR The UN Refugee Agency*, 1–84. <https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>
- Weber, A., Luís, J., Adelina, S., & Sonogo, C. (2018). Perfil psicosociodemográfico da imigração haitiana no sul do Brasil. In *Anais da Convención Internacional de Salud Pública Cuba Salud 2018*, 2–7. <http://convencionsalud2018.sld.cu/index.php/convencionsalud/2018/paper/view/2067/2028>
- Weber, J. L. A., Brunnet, A. E., Lobo, N. dos S., Cargnelutti, E. S., & Pizzinato, A. (2019). Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul: Aspectos Psicossociais, Aculturação, Preconceito e Qualidade de Vida. *Psico-USF*, 24(1), 173–185. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240114>
- Weintraub, A. C. A. de M. (2012). Estudos sobre refugiados publicados no Brasil na década de 2000. *AVÁ, Revista de Antropología*, (21), 195–211. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942012000200009&lang=es

| Contribuições das autoras: | |
|-----------------------------------|---|
| Autor 1 | Administração do projeto Análise formal Conceituação Escrita (primeira redação, e revisão e edição) Investigação Metodologia |
| Autor 2 | Análise formal Escrita (primeira redação) |
| Autor 3 | Análise formal Conceituação |
| Autor 4 | Análise formal Escrita (primeira redação, e revisão e edição) Metodologia Supervisão |

